

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1995

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 5 • 1995 **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
PREFÁCIO – Isaltino Morais
CAPA – João Luís Cardoso
FOTOGRAFIA – Autores assinalados
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 97-121

O SANTUÁRIO CALCOLÍTICO DA GRUTA DO CORREIO-MOR (LOURES)*

J.L. Cardoso⁽¹⁾, M. Leitão, J. Norton, O. da Veiga Ferreira & C.T. North

1 – INTRODUÇÃO E TRABALHOS REALIZADOS

A gruta natural do Correio-Mor (a cerca de 1 km W NW de Loures) foi identificada em 1974, na sequência da lavra de uma pedreira que explorava no local, calcários duros do Cretácico (Cenomaniano superior) (ZBYSZEWSKI, 1964). Nos escombros desta primeira, embora fortuita destruição, recolheu o Arq. F. Berger uma pequena placa de xisto gravada, cerâmicas e uma lâmina de sílex. As explosões haviam atingido a gruta em cerca de metade do seu comprimento, seccionando-a longitudinalmente, mas conservando o enchimento adjacente à parede Oeste (Fig. 2).

Contactado um dos signatários (J.N.) levou-se a cabo a exploração metódica do que ainda restava do enchimento arqueológico, sob a égide dos Serviços Geológicos de Portugal. Regularizou-se o corte transversal posto a descoberto pelas explosões e prolongou-se o mesmo até ao chão primitivo da gruta; a recolha duma ponta de pedúnculo lateral solutrense e de artefactos mustierenses “in situ” justificou a necessidade de efectuar trabalhos cuidados e, necessariamente, mais demorados dos inicialmente previstos. Infelizmente, novas explosões, mesmo depois dos proprietários da

* Trabalho coordenado por J.L.C., com base em registos de campo e fotografias de M.L. Escavações de M.L., J.N., O.V.F. e C.T.N.

⁽¹⁾ Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.



Fig. 1 – Gruta do Correrio-Mor (Loures). Localização na Península Ibérica e na Carta Militar de Portugal à escala de 1/25000 (folha de Loures), Serviços Cartográficos do Exército. Lisboa.



Fig. 2 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Vista do enchimento, em curso de exploração. Ao centro, o conjunto de ídolos agora estudados. Foto de M. Leitão.



Fig. 3 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Vista do topo da acumulação de ídolos. Foto de M. Leitão.

pedreira terem sido oficialmente notificados pelos Serviços Geológicos de Portugal, vieram inviabilizar tal objectivo. Assim, a exploração limitou-se ao retalho do depósito primitivo que ainda subsistia no sector mais próximo da presumível entrada, situada no lado Sul (Fig. 2), talvez inferior a dez por cento do seu volume inicial. No decurso dos trabalhos identificou-se uma sequência arqueológica de larga diacronia, estando representados materiais do Mustierense, Solutrense, Neolítico antigo, Neolítico médio e final (cerâmicas dolménicas), Calcolítico (a que corresponde o altar de ídolos de calcário agora estudado), Idade do Bronze e Idade do Ferro.

2 – CONDIÇÕES DO ACHADO

O conjunto dos ideoartefactos de calcário encontrava-se agrupado em área, cujo eixo maior, embora mal definido, era certamente superior a 70 cm, distância máxima entre as duas peças mais afastadas. O eixo menor ultrapassaria os 40 cm, comprimento da linha que une os extremos em largura das duas peças naquelas condições. O espaço assim definido corresponde a uma depressão, o que explica que umas peças estivessem assentes noutras. A posição do conjunto corresponderia à parte anterior da cavidade primitiva; situar-se-ia em zona onde esta alargaria formando uma sala lateral. Porém, tal observação, é apenas aproximada, atendendo ao desaparecimento de boa parte da gruta, incluindo a própria entrada desta e toda a parede oriental da referida sala e galeria que a prolongava para o interior do maciço rochoso (Fig. 2).

A estratigrafia observada neste sector da jazida foi descrita anteriormente, em parte por reconstituição das peças que se encontravam escorregadas. O nível de “importação” correspondente ao achado dos ideoartefactos que agora se estudam é o terceiro duma sequência da Idade do Ferro ao Mustierense (FERREIRA & LEITÃO, s/d, p. 138) e assentava em nível considerado “dolménico” caracterizado pela ocorrência de cerâmicas lisas. Duas possibilidades se colocam para explicar esta notável concentração de ideoartefactos:

- depósito ritual acumulado em pequena depressão;
- pequeno altar, ou santuário, erigido no interior da cavidade.

A primeira hipótese tem a seu favor o facto dos ídolos se encontrarem uns sobre os outros, em espaço circunscrito. Porém, tratando-se de depósito ritual, seria lícito encontrarmos as peças cuidadosamente arrumadas, situação inerente à elevada importância e carga simbólica que encerravam; o que se verificou aquando da escavação foi bem diferente (Figs. 3-5). Com efeito, era notório o estado não organizado que as peças conservavam entre si. Parece-nos, pois, ser preferível a segunda hipótese fazendo corresponder aos 11 ídolos de calcário um pequeno altar, ou santuário, erigido no interior da gruta. Porém, tal hipótese só poderia ser cabalmente demons-

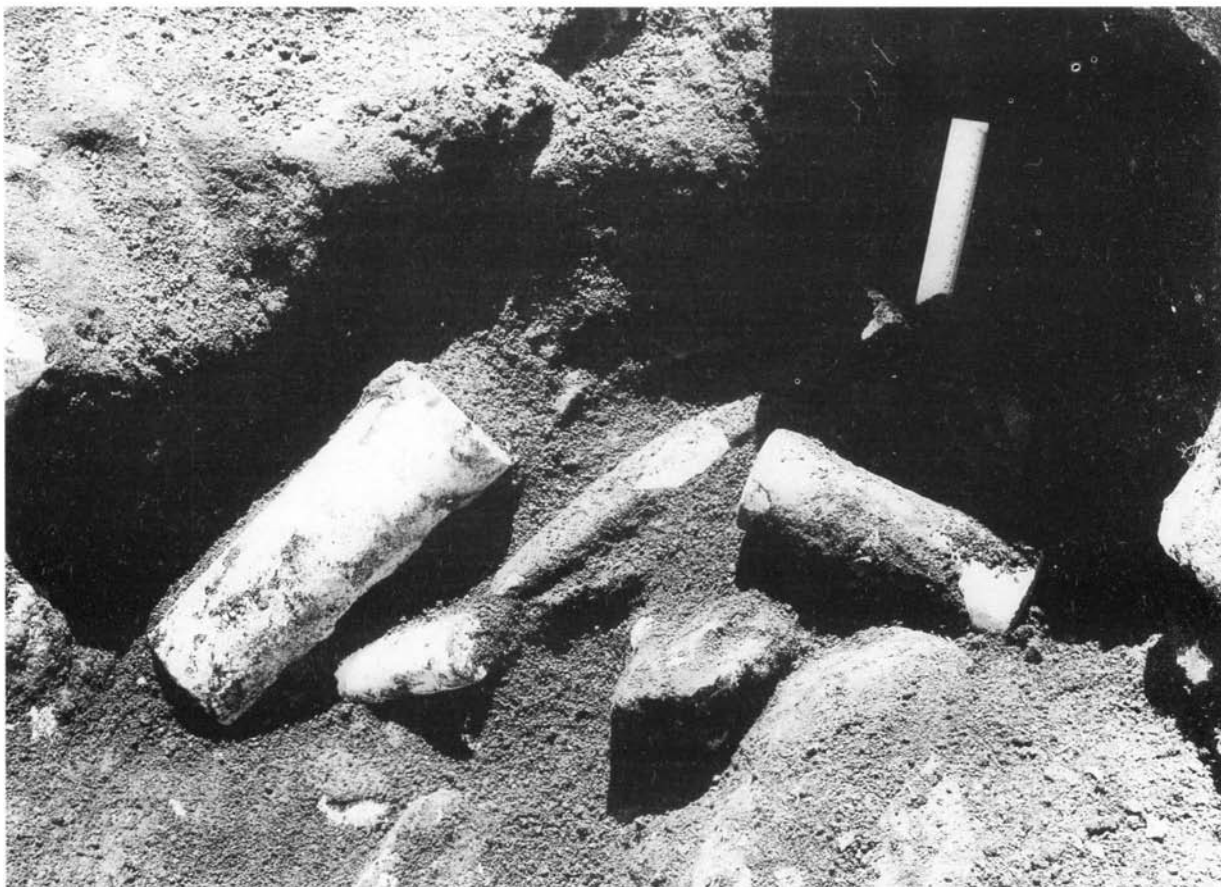


Fig. 4 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Vista da acumulação de ídolos (nível intermédio). Foto de M. Leitão.

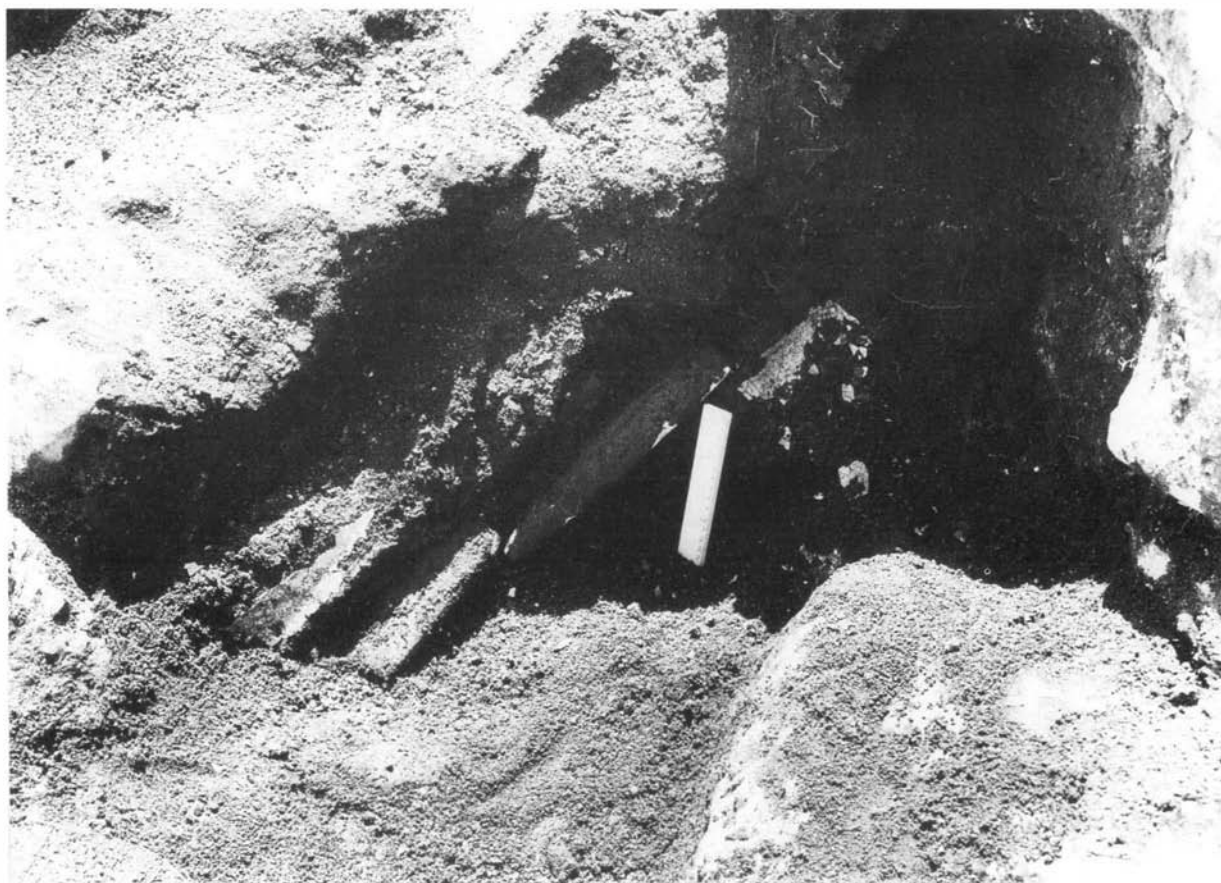


Fig. 5 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Vista da acumulação de ídolos (nível inferior). Foto de M. Leitão.

trada através de estudo de pormenor. Desta forma impunha-se tentativa que conduzisse à determinação de cada uma das peças no conjunto. Sendo este o único conjunto fechado e completo conhecido em Portugal com tais características – o que já em si mesmo é um facto do mais alto interesse – uma reconstituição da posição relativa de cada um dos ideoartefactos, teria um alcance acrescido, somando-se à importância de cada uma das peças, vistas isoladamente.

Tal ensaio de reconstituição foi realizado tomando como ponto de partida as observações efectuadas no decurso das escavações, registadas na sequência das três figuras apresentadas (Figs. 3, 4 e 5). Os primeiros ídolos a serem postos a descoberto foram (Fig. 3) o ídolo em forma de peso de balança (Fig. 6), e os três ídolos cilíndricos de maiores dimensões (Fig. 7; Fig. 8, n.º 4 e Fig. 8, n.º 1).

O ídolo em forma de peso de balança e o maior ídolo cilíndrico (Fig. 7) tombaram segundo ângulo ortogonal entre si no pressuposto que estariam de pé, o mesmo se verificando quanto aos dois seguintes (Fig. 3).

Após a remoção do ídolo em forma de peso de balança, apareceu, por debaixo dele, parte do bordo lateral do maior dos três ídolos semicilíndricos, tombado paralelamente ao maior dos três ídolos cilíndricos e para o mesmo lado (Fig. 4) no pressuposto que estaria assente pela extremidade afuselada. Trata-se dum ídolo decorado por conjunto de linhas incisadas paralelas em ambas as extremidades e na parte média (Fig. 9). ao ser retirada, esta peça deixou a descoberto outro ídolo semicilíndrico, um exemplar de tamanho médio decorado como o anterior por linhas incisadas paralelas acrescidas de alto relevo figurando as sobranceiras ou as órbitas dispostas simetricamente à representação vertical do nariz (Fig. 10, n.º 2). A posição seria idêntica à do exemplar anterior.

No nível em que jazia a peça anterior encontrava-se outro ídolo cilíndrico. Trata-se do quarto exemplar, dos cinco encontrados (Fig. 8, n.º 3). A sua orientação é a dos exemplares mais próximos sendo, pois, lícito admitir que terá tombado ao mesmo tempo que aqueles. Por debaixo, encontrou-se o ídolo semicilíndrico mais pequeno dos três recuperados. É exemplar decorado, como os anteriores, por série de linhas incisadas paralelas, no caso correspondendo à parte superior da peça (Fig. 10, n.º 1). A sua posição mal se vislumbra na Fig. 5; terá tombado para o mesmo lado daqueles que o circundavam. Nestas circunstâncias, a maior profundidade a que jazia poderá explicar-se pelo facto de alguns dos anteriores terem, em parte caído sobre ele. Os restantes objectos que faziam parte deste conjunto ritual são:

- o mais pequeno dos ídolos cilíndricos (Fig. 8, n.º 2). A sua posição revela ter tombado no mesmo sentido de todos os outros, exceptuando-se o ídolo em forma de peso de balança (Fig. 6) e um dos ídolos cilíndricos (Fig. 8, n.º 4).
- o “anel” de calcário, possível maça ritual (Fig. 11, n.º 2); tal como a placa curva de calcário (Fig. 11, n.º 1), jazia na periferia do conjunto.

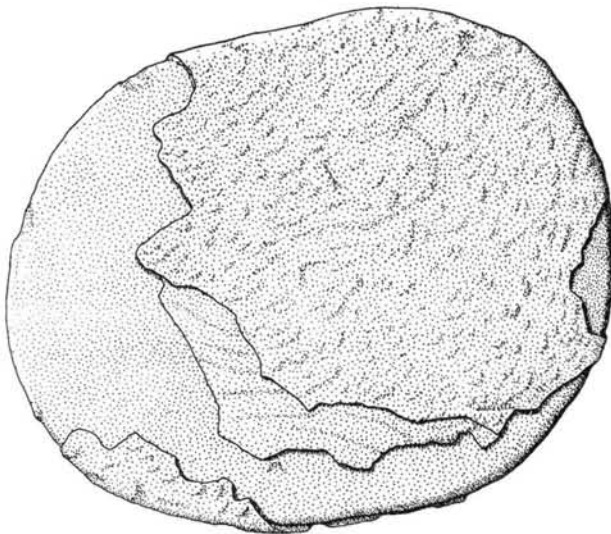
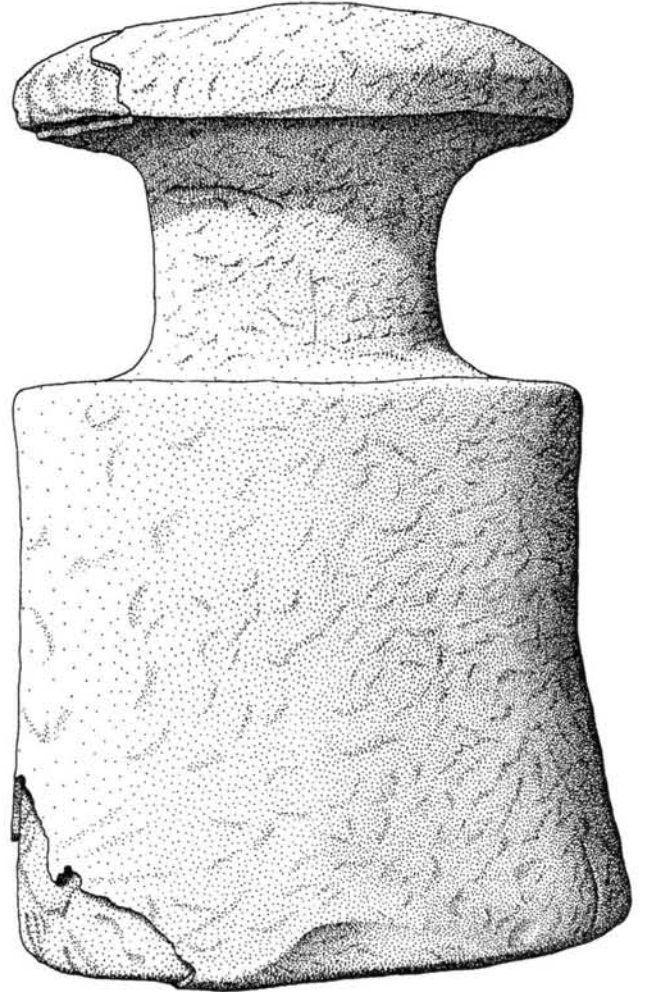
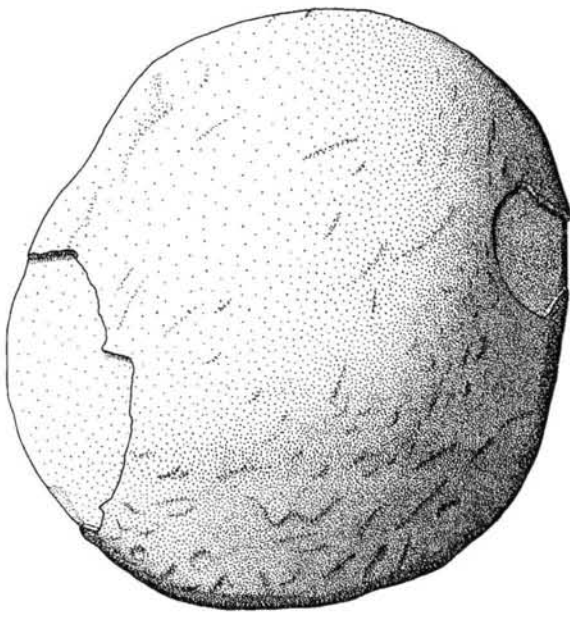


Fig. 6 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolo de calcário.

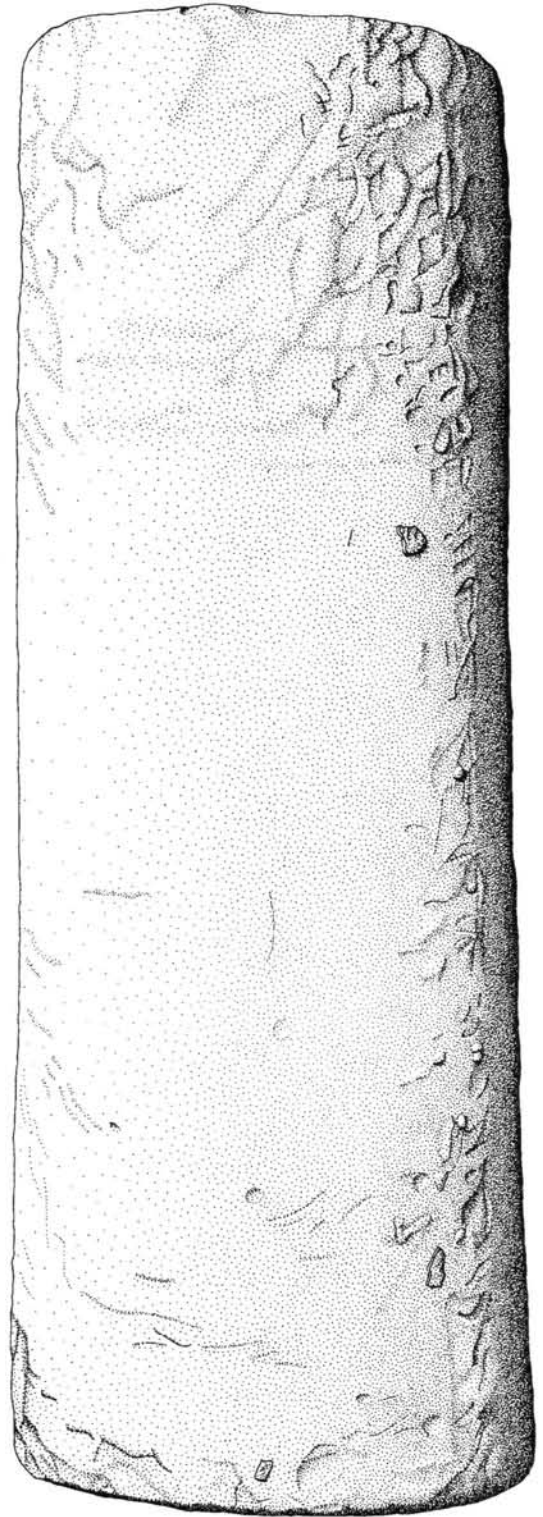


Fig. 7 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolo de calcário.

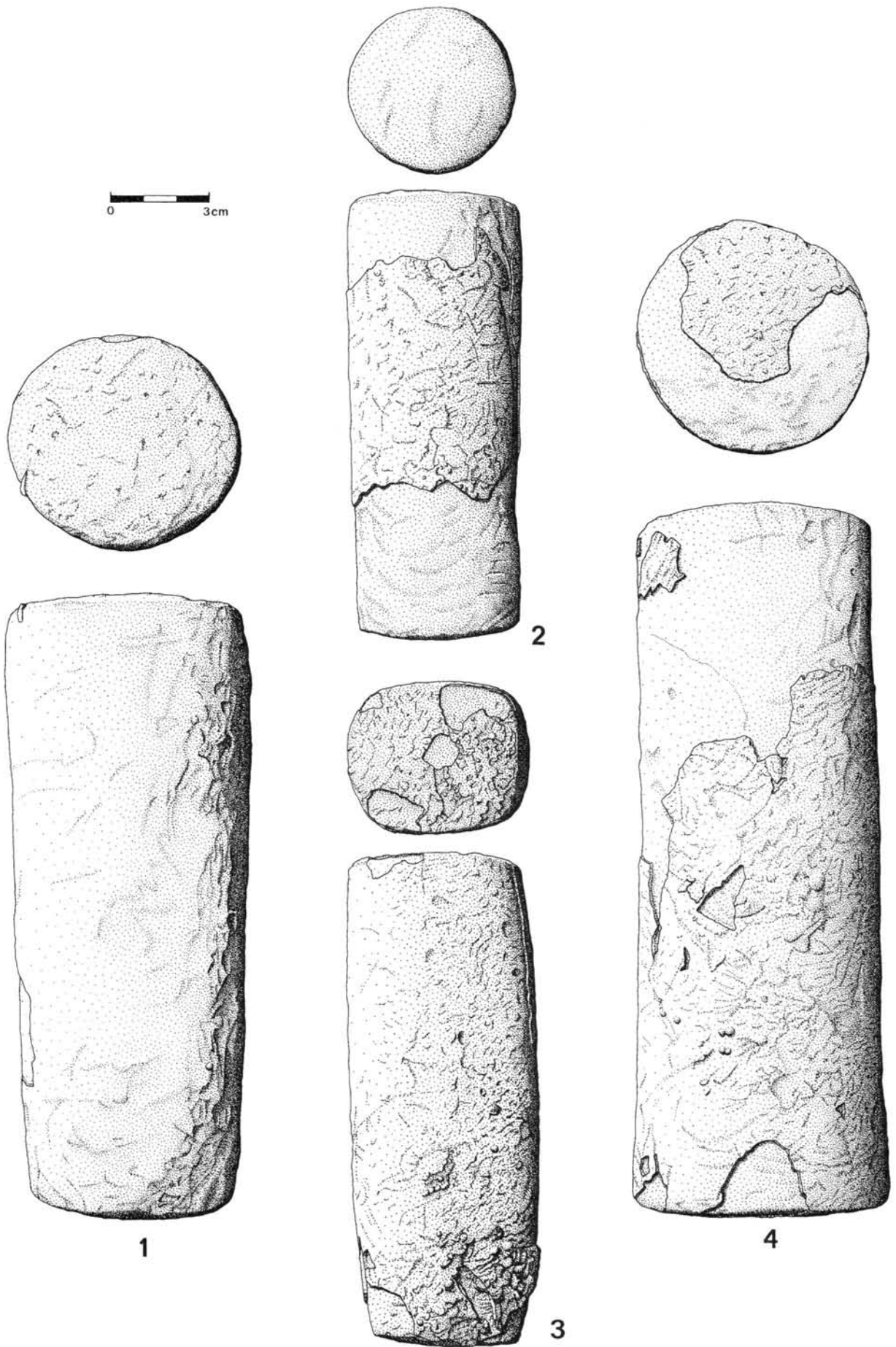


Fig. 8 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolos de calcário.

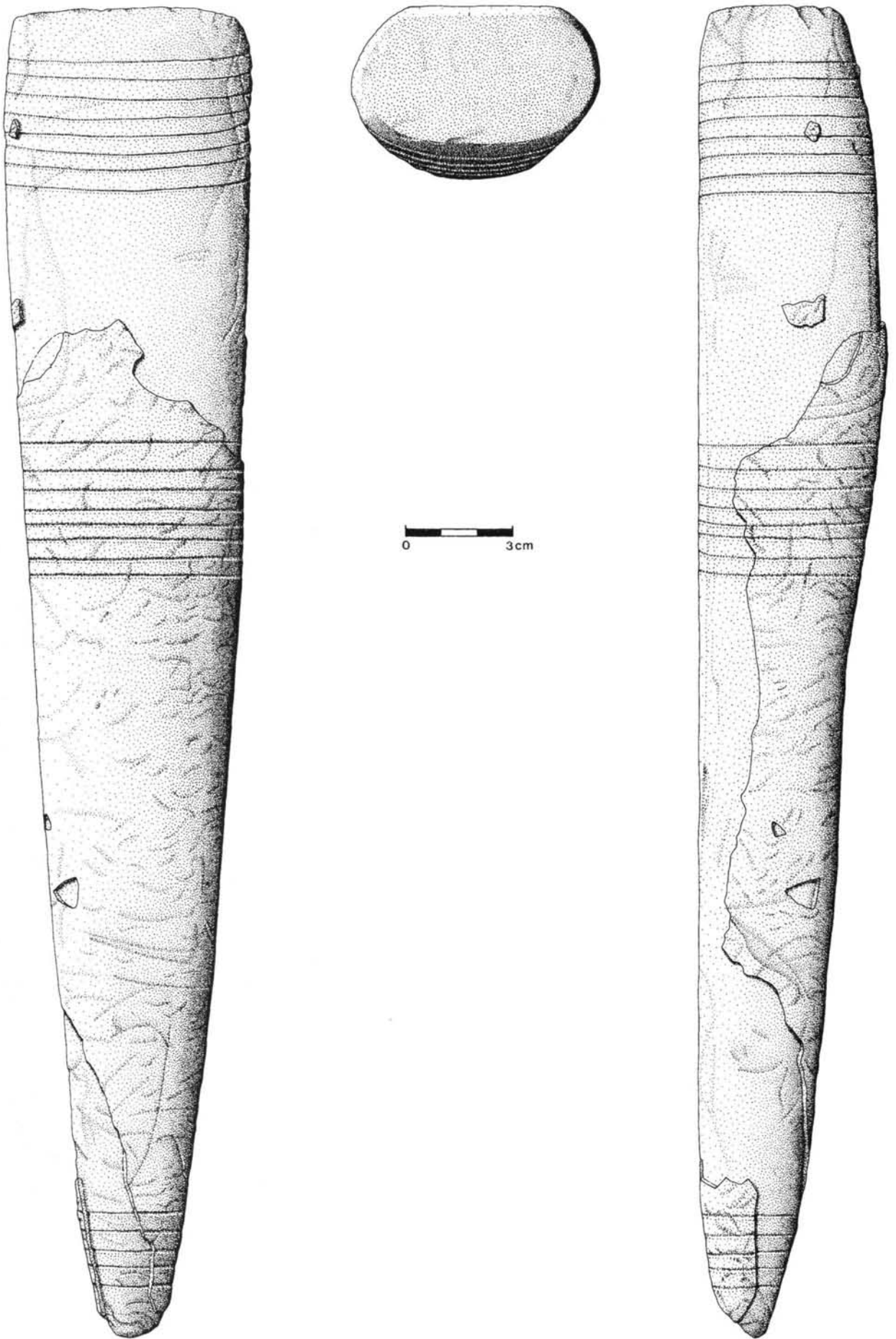


Fig. 9 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolo de calcário.

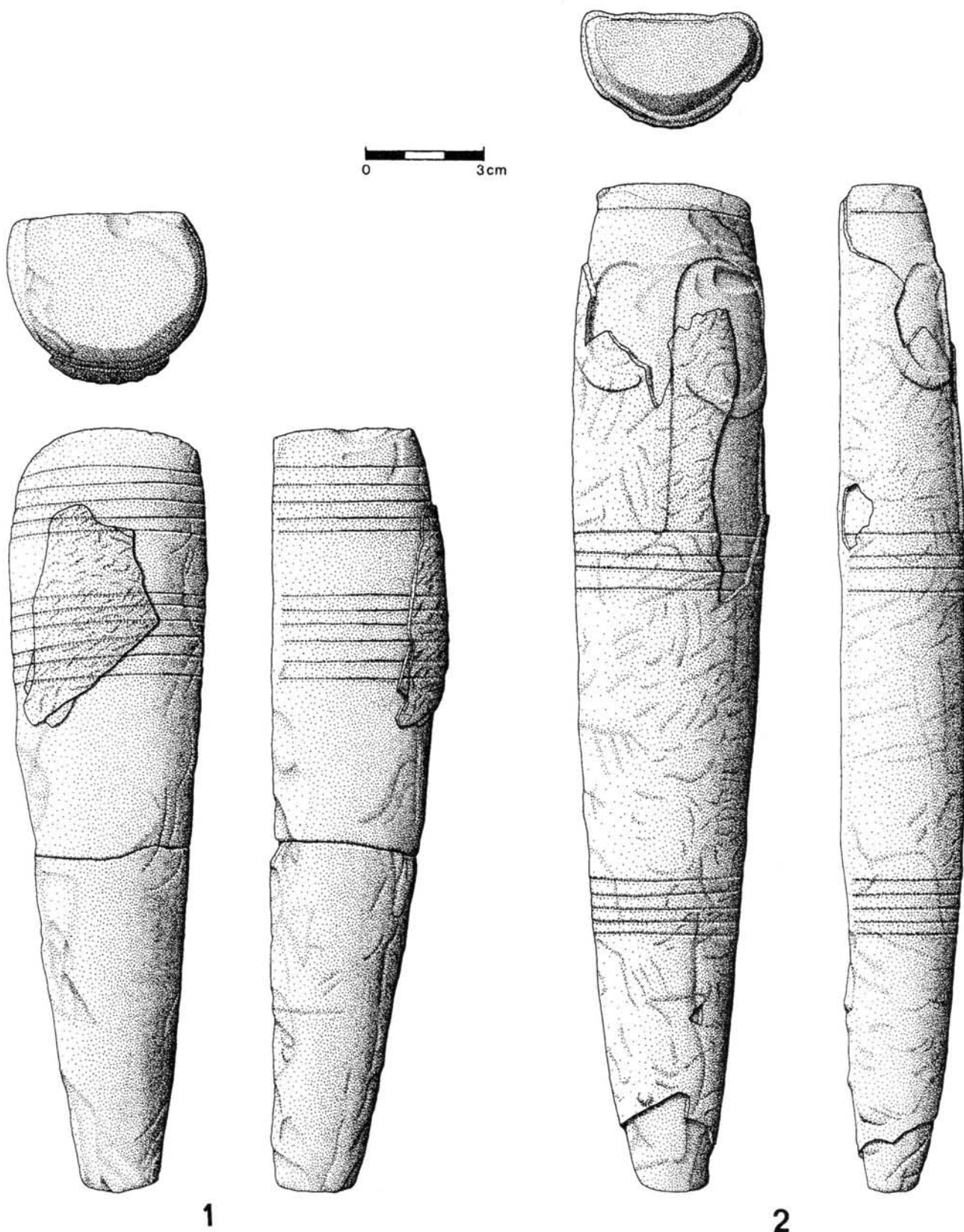


Fig. 10 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolos de calcário.

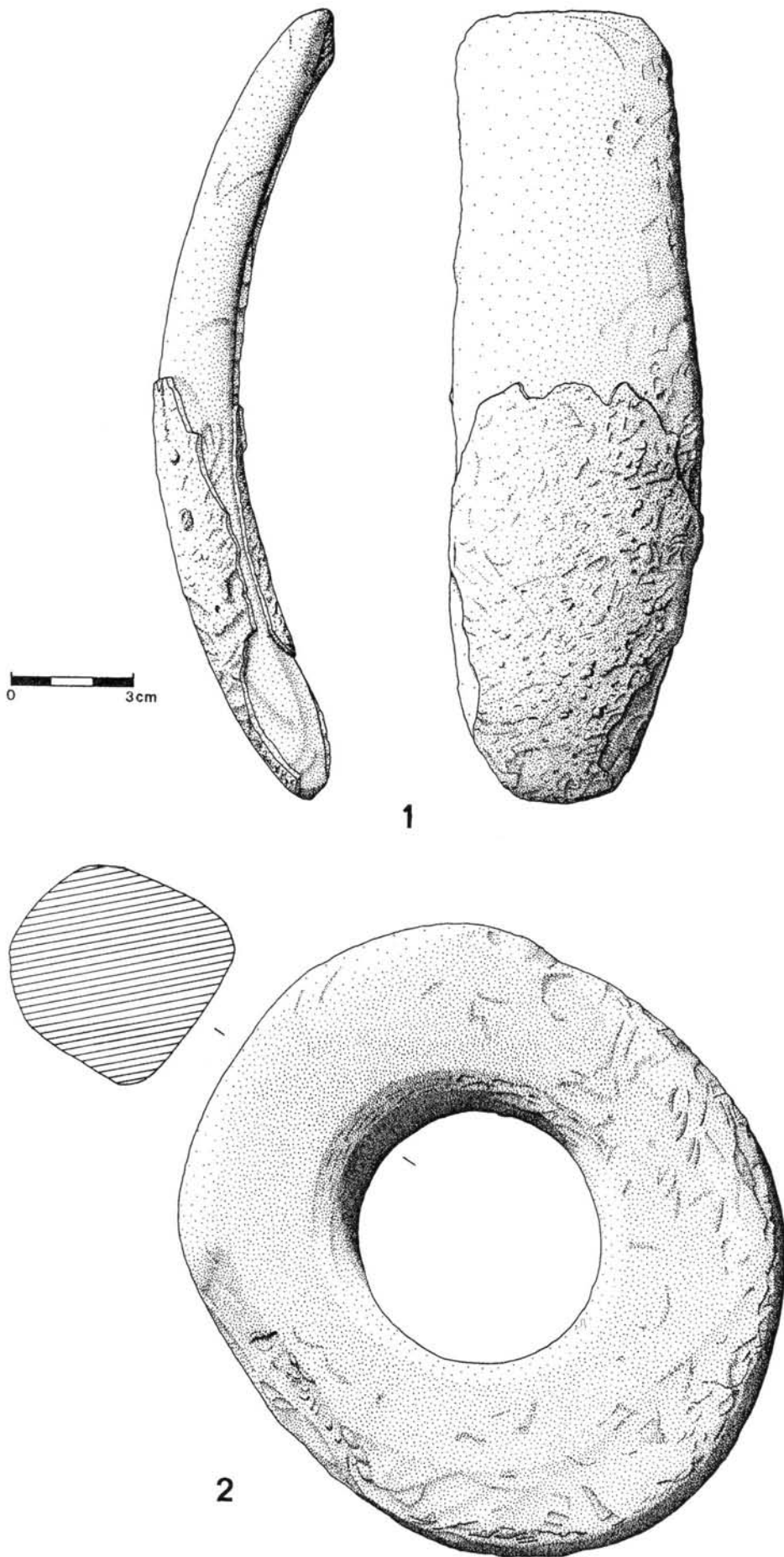


Fig. 11 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Ídolos de calcário.

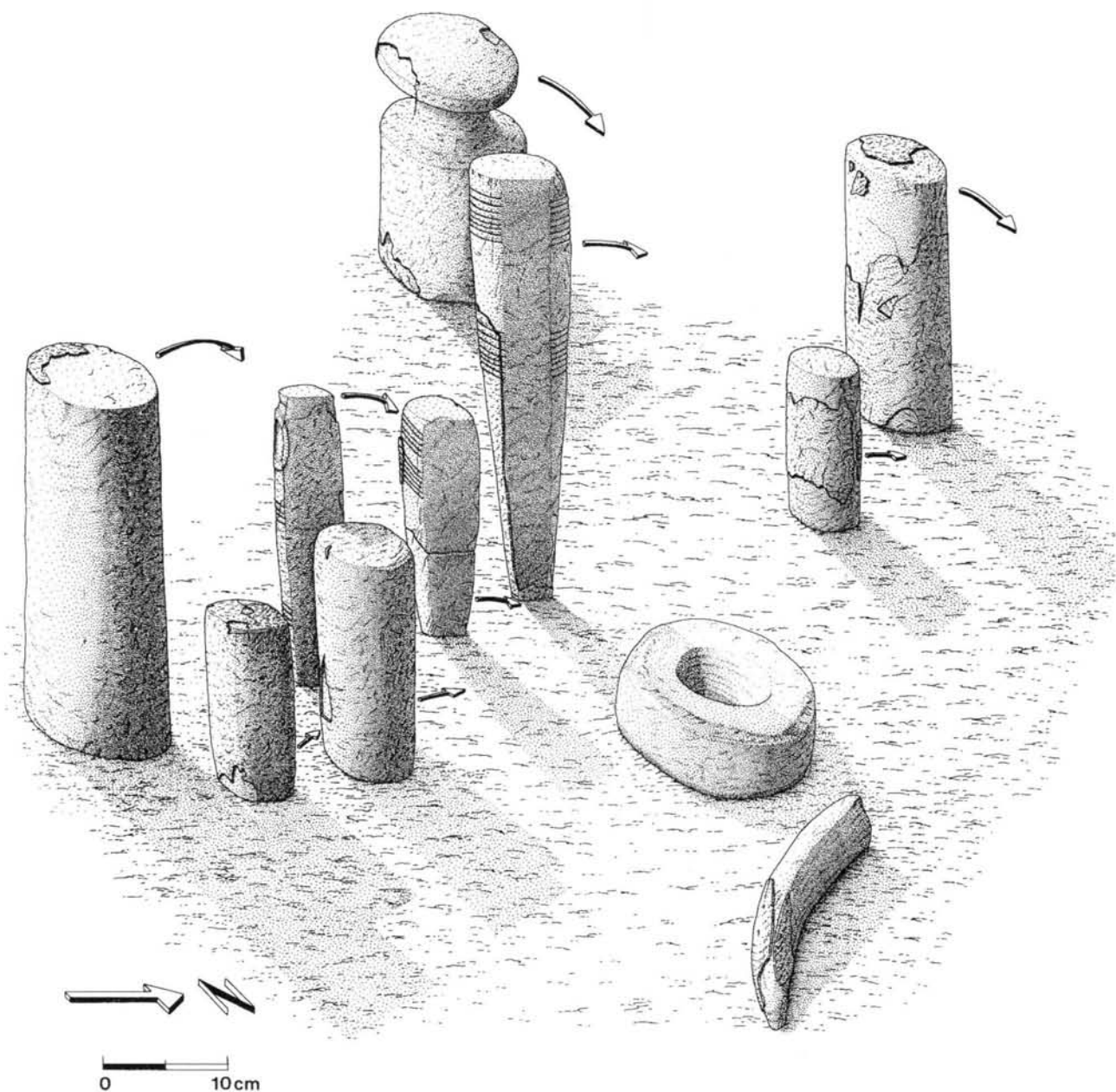


Fig. 12 – Gruta do Correio-Mor (Loures). Reconstituição do altar-santuário, incluindo a direcção e sentido prováveis do tombamento dos ídolos.

3 – INTERPRETAÇÃO

Tentativa de reconstituição da posição original destas peças conduziu à elaboração da Fig. 12 onde se apresenta em esboço os resultados obtidos, que conduziram às seguintes conclusões:

1 – Aceitamos que as peças se encontrariam de pé constituindo um altar e não na horizontal, hipótese que contudo não podemos rejeitar em absoluto.

2 – Os três ídolos semicilíndricos teriam ocupado posição central e encontravam-se alinhados. Trata-se das peças da Fig. 9 e da Fig. 10, n.º 1 e 2.

3 – No conjunto, ídolos cilíndricos e semi-cilíndricos definiriam segmento rectilíneo.

4 – Considerando o lado convexo dos ídolos semi-cilíndricos obviamente o que se encontraria voltado para o observador, concluímos que posição dos três é coerente, já que a convexidade de todos eles evidenciava invariavelmente a mesma orientação.

5 – Considerando a referida orientação podemos concluir que o altar se encontrava voltado para o interior da gruta; a parede em falta, destruída pela pedreira passaria, pois, por detrás do conjunto embora se desconheça o referido afastamento e, portanto, a sua posição exacta no interior da cavidade.

6 – As três peças restantes: o ídolo em forma de peso de balança, o anel (maça ritual) e a placa curva de calcário, dispunham-se respectivamente adiante (a primeira), e atrás as (duas restantes) da linha definida pelas peças referidas. O seu carácter particular conferia-lhes posição especial. A de maior destaque – a peça em forma de peso de balança – foi colocada isoladamente adiante do friso de ídolos cilíndricos e semi-cilíndricos que lhe servia de fundo. É lícito admitir que constituiria o objecto de maior carga simbólica do conjunto, e aquele que maior importância nele detinha, facto aliás nada estranho atendendo que se trata de exemplar único nos inventários portugueses.

4 – COMPARAÇÕES

4.1 – Ao nível do conjunto artefactual

O conjunto de ídolos da gruta do Correio-Mor, é, até o presente, único em território português. Com efeito, jamais se tinha isolado numa escavação associação idêntica a esta; apenas na gruta da Bugalheira (Torres Novas) se encontrou um conjunto constituído por uma dezena de ídolos (falanges de equídeo e bovídeo) afeiçoados por polimento (CARDOSO *et al.*, em publicação). Porém, desconhecemos a real posição de tais peças por se tratar de uma escavação antiga e desprovida de registos. Os seus

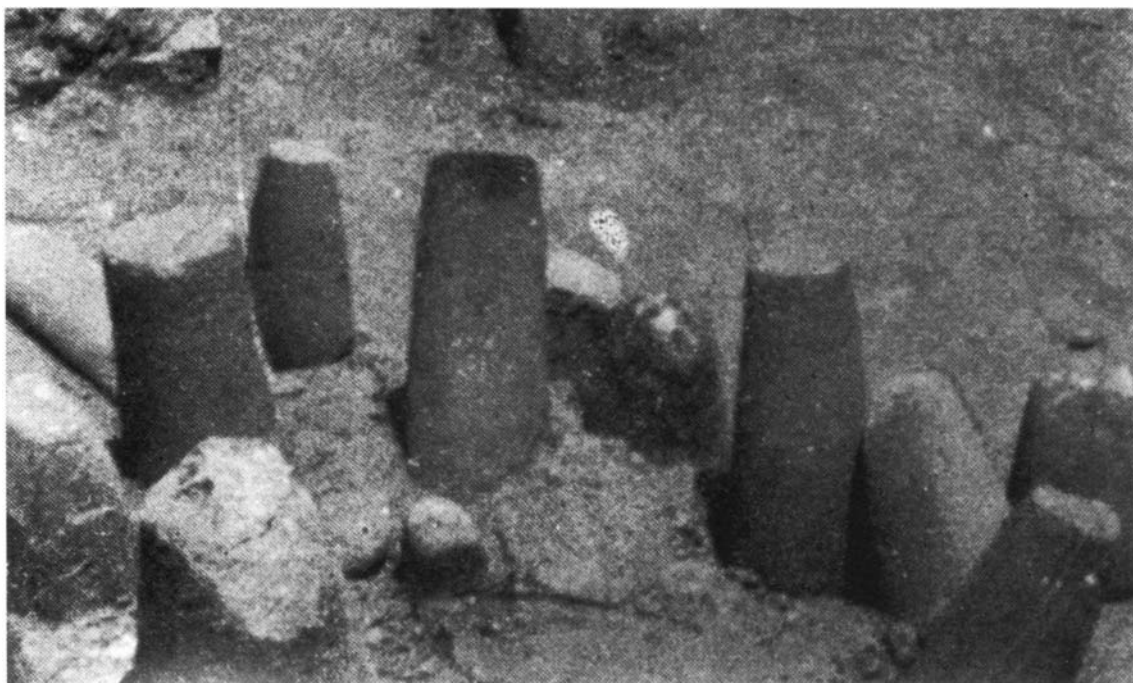


Fig. 14 – Vista parcial do conjunto de bétiles identificado no exterior da sepultura VII = 7 de Los Millares. Segundo ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. CXLVII, C. (Ver Fig. 13).



Fig. 16 – Vista parcial do conjunto de bétiles exumado no exterior da sepultura IX = 5 de Los Millares. Segundo ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. CL, b. (Ver Fig. 15).

autores (PAÇO *et al.*, 1971, p. 36) declaram apenas que todas as falanges não ornamentadas estavam juntas, à esquerda da entrada da gruta.

Em Espanha salienta-se a existência de diversos conjuntos de betilos (ídolos cilíndricos ou cilindróides) cujo significado seria idêntico ao do Correio-Mor, constituindo altares ou pequenos santuários no exterior de diversos monumentos funerários calcolíticos de tipo “tholos”.

O conjunto exumado no exterior da sepultura VII=7 (1955) de Los Millares (ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. XLVII e XLIX) é exemplo dos mais expressivos. Trata-se de uma coleção de doze ídolos predominantemente cilíndricos ou tronco-cónicos agrupados em área restrita com cerca de 1,00 m por 0,80 m (Fig. 13 e 14). Este altar, ou santuário, é idêntico ao exumado no exterior da sepultura IX=5 (1953-55) de Los Millares (ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. LIX a LXI), correspondendo a dezassete ídolos ocupando espaço de contorno ovoide cujo eixo maior media cerca de 1,4 m (Fig. 15 e 16).

Outros exemplos de “tholoi” da província de Almería possuindo agrupamentos de ídolos cilíndricos (betilos) no interior dos recintos mortuários são apresentados por LEISNER & LEISNER (1943). É o caso do conjunto de Loma de Los Liniales 9, com doze ídolos em espaço aproximadamente circular distanciado de 6 m da câmara do “tholos” (Tf. 30) ou o do conjunto exumado no exterior do “tholos” de Cabecito de Aguilar, e dele distanciado 14 m (Tf. 29), reproduzido na Fig. 17, n.º 4. Os exemplos mais complexos em que conjuntos de betilos se encontravam delimitados por estruturas pétreas definindo recintos rectangulares estão representados em Los Millares 16 – situado no exterior e fronteiro à entrada do “tholos” (Tf. 14). Outras estruturas são circulares, em posição adjacente ao limite do tumulus (Tf. 18) como a reproduzida na Fig. 17, n.º 6. Há ainda a referir casos em que conjuntos de bétilos se dispunham no exterior dos *tumulus*, em posição sobre-elevada relativamente ao terreno circundante (Tf. 18 e 22), reproduzidos na Fig. 17, n.ºs 2 e 5.

Concluindo, verifica-se que nos *tholoi* calcolíticos de Los Millares, e em outros, igualmente da província de Almeria, se reconheceram diversas associações de ídolos cilíndricos cujo significado não pode deixar de ser considerado como idêntico ao do exemplo português. Tratar-se-iam, em suma, de pequenos altares ou santuários construídos sempre no exterior dos monumentos funerários, relacionados por certo com as cerimónias fúnebres que ali tiveram lugar.

Ao extremo oposto da Península Ibérica, pertence o dólmen da Parxubeira, San Fins de Eirós, Galiza. Igualmente, no exterior da câmara funerária, foram exumados cinco bétilos e quatro pequenas estelas antropomorfas, integrando um santuário (CASAL, 1988, Fig. 20 a 25 e Lám. VI, VII e XXII). A esta área geográfica pertence, também o dólmen de Dombate, de meados do 3.º milénio AC, correspondente à fase do megalistismo evolucionado galego. Defronte à entrada do corredor, e no exterior

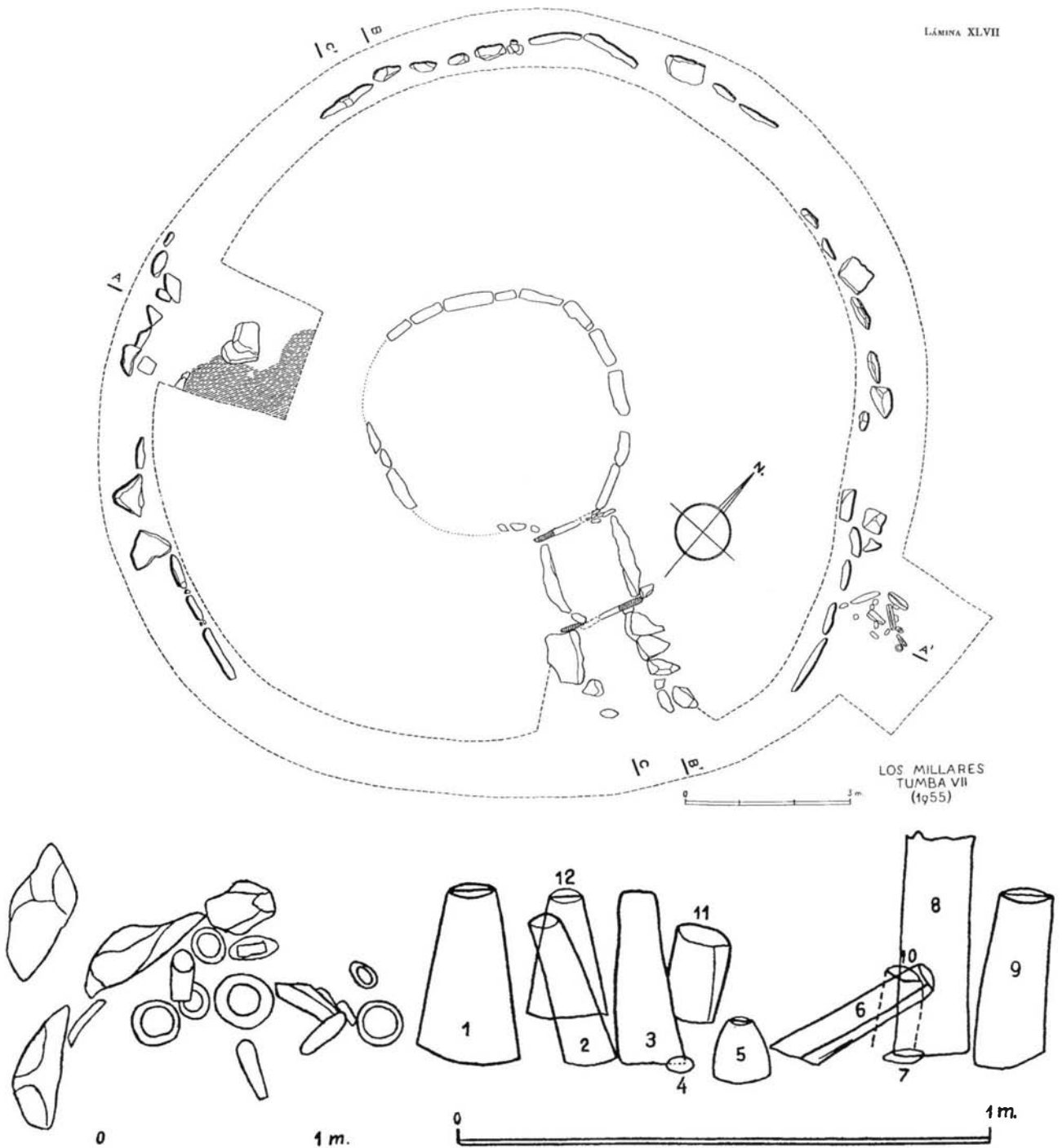


Fig. 13 – Em cima: planta da sepultura VII = 7 de Los Millares, com indicação do local de descoberta dos bétilos. Em baixo: planta da disposição do conjunto de bétilos (à esquerda) e perspectiva da sua implantação no terreno (à direita). Segundo ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. XLVII e XLIX.

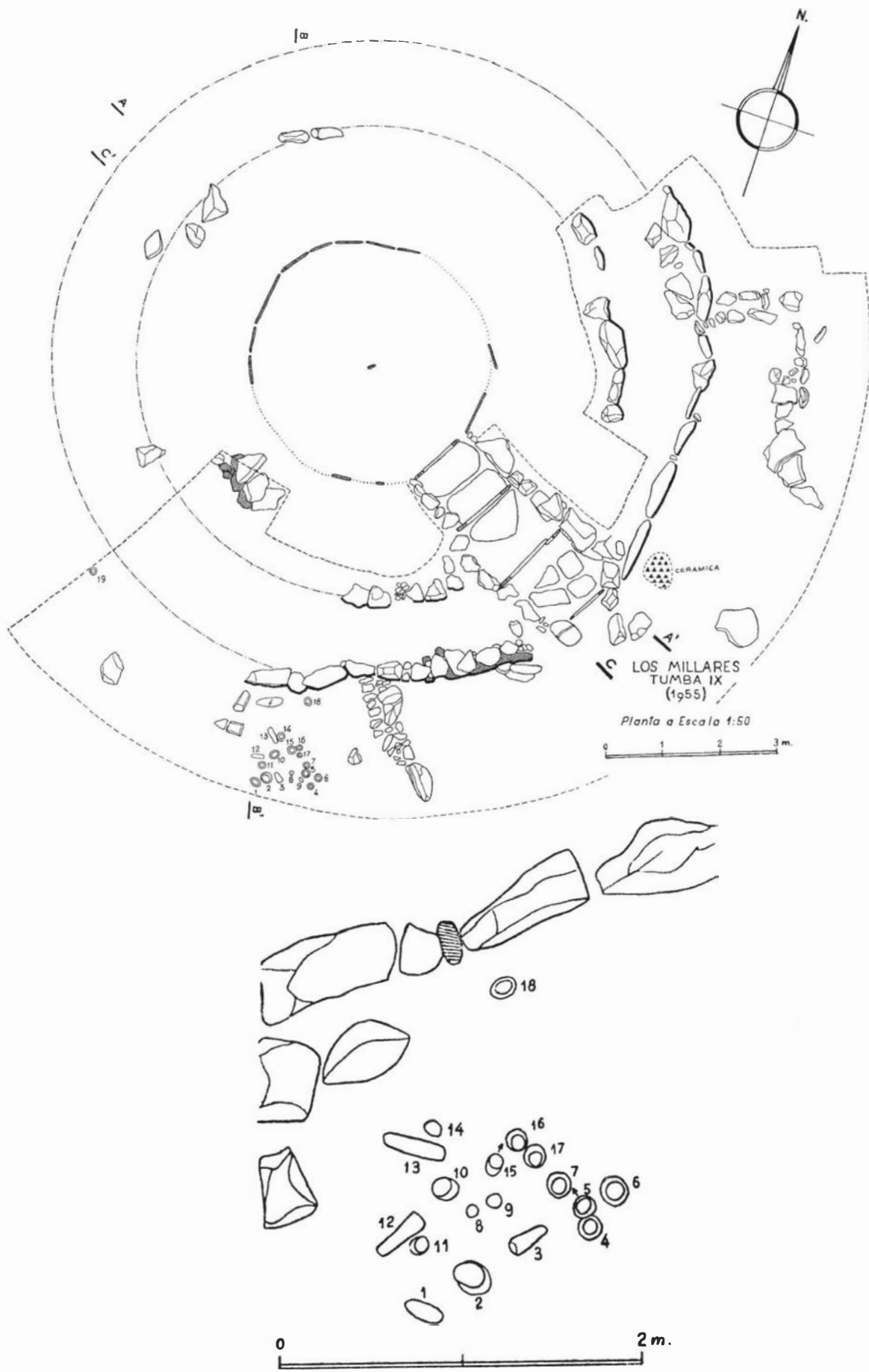


Fig. 15 – Em cima: planta da sepultura IX = 5 de Los Millares, com indicação do local de descoberta dos bétilos. Em baixo: planta da disposição do conjunto de bétilos da referida sepultura. Segundo ALMAGRO & ARRIBAS, 1963, Lám. LIX e LXI.

do *tumulus*, identificaram-se vinte pequenos ídolos, de diversas formas, dispostos verticalmente em fiada rectilínea e mais três, já removidos da sua posição vertical, a pouca distância (BELLO-DIÉGUEZ, 1991, 1992/93, 1994). Um estudo de conjunto sobre a ocorrência e tipologia de tais ídolos no megalitismo do Noroeste peninsular foi recentemente efectuado (VALCARCE, 1993). É evidente a semelhança da disposição dos pequenos ídolos ovóides e cilíndricos de Dombate – bem como a sua cronologia – com o altar ou santuário do Correio-Mor, como se evidencia das Figs. 18 e 19.

4.2 – Ao nível da tipologia das peças

Os 11 ideoartefactos do Correio-Mor distribuem-se pelos seguintes tipos:

- 5 ídolos cilíndricos lisos (Fig. 7 e 8)
- 3 ídolos semi-cilíndricos (Fig. 9 e 10), todos decorados
- 1 placa curva (Fig. 11 em cima)
- 1 maça ritual (Fig. 11 em baixo)
- 1 ídolo em forma de peso de balança (Fig. 6)

Seria ocioso enumerar paralelos para os três primeiros tipos. Trata-se de peças que ocorrem, com frequência, em depósitos funerários do calcolítico da Estremadura. Pelos motivos decorativos, salienta-se um dos ídolos semi-cilíndrico (Fig. 10 à direita). A representação facial, incluindo neste caso sobranceiras e nariz, difere de outros exemplares conhecidos, de Folha de Barradas-Sintra (RIBEIRO, 1880, Figs. 17 e 18), do Dólmen de Casinhos (LEISNER *et al.*, 1969, Pl. 16, n.º 223) e Palmela (LEISNER *et al.*, 1961, pl. III, n.º 22) – além dum exemplar de local desconhecido dos arredores de Lisboa (SANTOS, 1970). É deste último que o exemplar do Correio-Mor mais se aproxima; os motivos arqueados apresentam-se, em ambos, em alto relevo, situação igualmente verificável no exemplar de Folha de Barradas, embora neste os arcos se desenvolvam em posição simétrica, correspondendo a tatuagens faciais infra-orbitais, ao contrário daqueles, em que tais arcos são supraciliares. O exemplar do dólmen de Casinhos caracteriza-se por os dois arcos terem sido obtidos por incisão, reunindo-se ao centro, em forma de V sem deles resultar qualquer linha vertical, correspondente ao nariz presente no exemplar do Correio-Mor e no dos arredores de Lisboa.

A maça ritual de calcário é outra peça quase única em Portugal. Com efeito, parece indubitável tal finalidade por ser notório o cuidado com que a abertura foi afeiçoada, destinada à fixação do cabo de madeira. Os primeiros exemplares estuda-

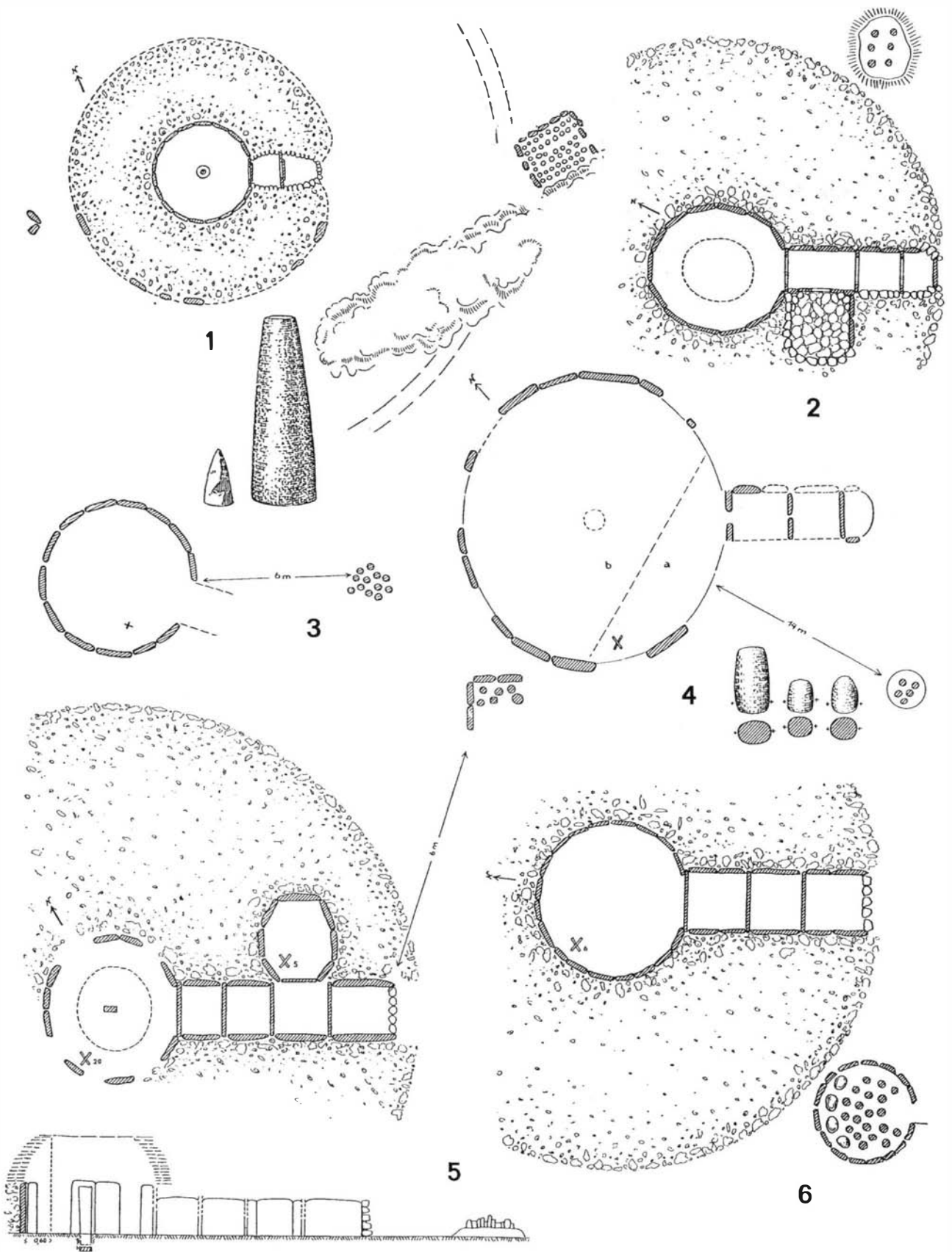


Fig. 17 – Plantas de diversos *tholoi* da província de Almería, possuindo altares ou santuários, na zona externa, constituídos por bétilos. Seg. LEISNER & LEISNER, 1943, respectivamente Tf. 14, 18, 30, 29, 22 e 18.

dos em Portugal (ALBUQUERQUE e CASTRO & FERREIRA, 1967) são de menor tamanho, e mais espessos, conquanto tenham talvez servido ao mesmo fim. Embora mais perfeitos, avultam dois exemplares recolhidos na gruta do Escoural-Montemor-o-Novo (SANTOS, 1971, Est. II), Como comparação citamos a bela peça, embora mais antiga, estudada em França (ARNETTE, 1963). De referir, ainda, os paralelos etnográficos subactuais africanos, que fazem atribuir peças muito semelhantes à do Correio-Mor a acessórios de paus de escavar (*digging-sticks*) ou maças. A primeira utilização encontra-se documentada pelas observações em tribos de bosquímanos da África do Sul, a South African Archaeological Society, usa, precisamente, como emblema, o desenho de um *digging-stick*, com o respectivo anel de pedra. Ao estudar uma colecção de peças desta índole, fazendo parte do espólio do Museu do Dundo, recolhidas no Nordeste angolano, e onde algumas se poderiam confundir com a presente (MARTINS, 1981), são mencionadas as pinturas rupestres sul-africanas reproduzindo mulheres manejando paus com pedras furadas, para cavar, enquanto os homens as usam como maça (*op. cit.* Fig. 3). O autor acrescenta que tipos idênticos têm sido encontrados em diferentes locais, nomeadamente na Europa, Ásia, América do Sul e em toda a África, desde o Egipto até à África do Sul (*op. cit.* p. 38).

Enfim, para o ídolo em forma de peso de balança não conhecemos qualquer paralelo nos inventários calcolíticos portugueses. A sua forma, marcadamente antropomórfica, não deixa dúvidas da figuração humana que pretendeu reproduzir, havendo todavia lugar à dúvida de se tratar da representação da Deusa, atendendo à falta de atributo sexual explícito.

Como escrevemos noutro lugar, “aceitamos que alguns artefactos, especialmente os ideoartefactos, sugiram – tanto pela ideia subjacente, a divindade feminina calcolítica, como pela matéria-prima em que são fabricados – o calcário marmóreo, tão utilizado em ideoartefactos no Mediterrâneo oriental – influências longínquas e indirectas ao nível da super-estrutura mágico-religiosa, oriundas daquela região. Sendo esta rocha tão banal na região estremenha parece haver um *non-sense* em ter sido escolhida para o fabrico de peças com carga simbólica tão marcada. Seria mais lógico que fossem seleccionadas rochas mais raras, como os anfíbolitos, mesmo admitindo que tais objectos valiam pela carga simbólica que encerravam e não pelo valor, raridade ou beleza do seu suporte (CARDOSO, 1994, p. 133). GONÇALVES (1994, p. 191), aceita também a navegação mediterrânica como estando na origem da difusão da “moda” do calcário, ainda que não necessariamente síncrona em diversos domínios geográficos civilizacionais, hipótese com que estamos de acordo. É interessante salientar, como já o fez aquele autor, que a maior riqueza e diversidade das peças de calcário corresponde à Baixa Estremadura. Com efeito, é nesta região, bem como no sul do País, que se observam exemplares de calcário mais elaborados, sofisticados ou raros de que é paradigma o conjunto do Correio-Mor (cinco tipos diferentes em

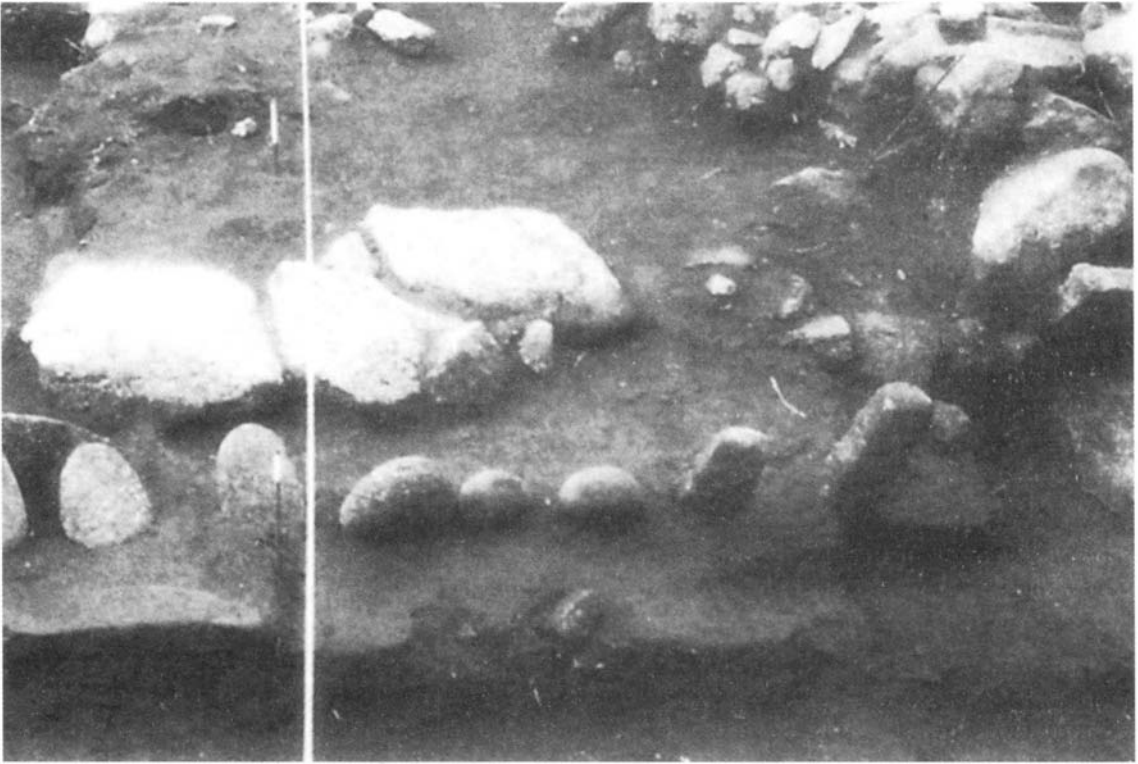


Fig. 18 – Fiada de ídolos exumados no monumento megalítico de Dombate, Galiza (BELLO-DIÉGUEZ, 1992/93, Est. 3, n.º 1).

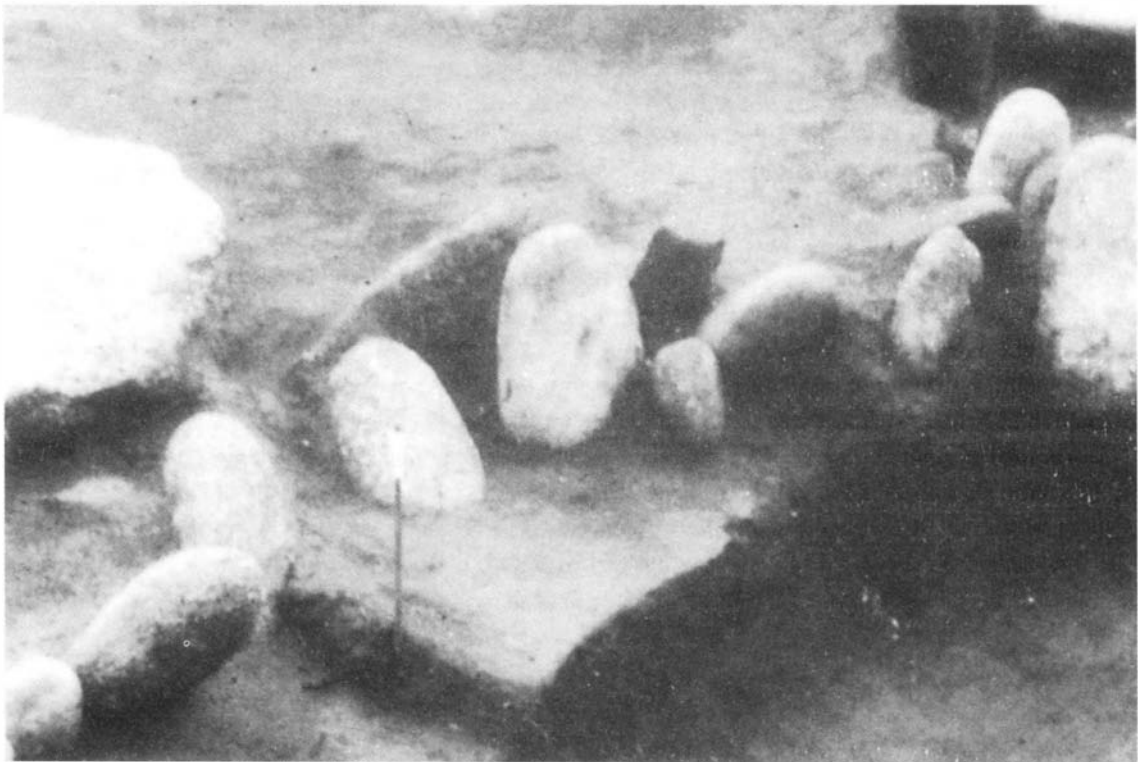


Fig. 19 – Pormenor do conxunto anterior (BELLO-DIÉGUEZ, 1992/93, Est. 3, n.º 2).

11 exemplares e em especial o ídolo em forma de peso de balança). São de facto peças como esta que mais facilmente recolhem paralelos formais em exemplares do Mediterrâneo Oriental (GONÇALVES, 1995).

5 – CONCLUSÕES

Os onze ideoartefactos de calcário encontrados na gruta do Correio-Mor permitiram as seguintes conclusões gerais:

1 – Trata-se do primeiro conjunto de ídolos calcolíticos que, indubitavelmente, se encontravam funcionalmente associados, correspondendo a uma ocorrência concentrada no interior de gruta de carácter sepulcral.

2 – A disposição original das peças foi reconstituída com base nos elementos recolhidos no decurso da escavação. Pondo de parte a hipótese de se tratar de um depósito ritual, acumulando-se umas peças por cima das outras, que, contudo, não podemos excluir em absoluto, consideramos preferencialmente a hipótese de um pequeno santuário ou altar; assim o indica a disposição das próprias peças, implantando-se as mesmas na vertical, ou mesmo ligeiramente enterradas no caso dos ídolos semicilíndricos.

3 – É lícito admitirmos que originalmente o conjunto se encontrava voltado para o interior da sala, embora não saibamos a que distância da parede setentrional da gruta desmontada pela pedreira. As peças dispor-se-iam, “grosso modo”, em segmento de recta, ocupando os três ídolos semi-cilíndricos posição central, ladeados por três ídolos cilíndricos, do lado Este e por outros três do lado Oeste. Os três ideoartefactos de maior raridade, situavam-se atrás e à frente da linha assim definida pelos ídolos cilíndricos e semicilíndricos. Na primeira daquelas posições, figurava uma maça ritual e uma placa curva, cuja função permanece ignorada. A segunda posição, correspondente à situação de máximo destaque, era ocupada isoladamente pelo ídolo em forma de peso de balança, tendo como pano de fundo o friso dos ídolos cilíndricos e semicilíndricos. Podemos, pois, admitir que a esta peça se reservava a maior importância no seio do conjunto, nela se concentrando as atenções.

O facto de ao ídolo em forma de peso de balança corresponder a posição de maior destaque no seio do conjunto não admira; trata-se de peça notável, de nítido recorte antropomórfico, única nos inventários calcolíticos portugueses.

4 – A diversidade patente no conjunto do Correio-Mor é notória: onze exemplares recolhidos distribuem-se por cinco tipos diferenciados. Esta diversidade, que caracteriza os conjuntos sepulcrais da Baixa Estremadura, onde estão presentes bastantes peças únicas de que o exemplo citado é paradigma, esbate-se notavelmente no Algarve onde abundam as peças comuns às mais simples da Estremadura.

5 – Sendo o calcário, invariavelmente, a matéria-prima preferida – apesar da sua abundância na região em causa – para o fabrico de peças de simbolismo tão marcado, somos levados a considerar a hipótese de existir uma razão profunda para tal preferência, sem dúvida resultante de ampla difusão de ideias. Tal hipótese ganha consistência, ao considerarmos as analogias de certas peças estremenhas com outras, de civilizações calcolíticas do Mediterrâneo Oriental, onde, tal como aqui, era aquela a matéria-prima preferida. Tais artefactos inscrever-se-iam, pois, entre os testemunhos, embora de carácter indirecto, da vasta aceitação de certos princípios mágico-religiosos que, oriundos da bacia mediterrânea, teriam atingido esta região periférica, no decurso do 3.º milénio AC. Tais influências, com expressão material nas notáveis semelhanças formais entre áreas geograficamente tão afastadas como o Mediterrâneo Oriental e o Noroeste da Península Ibérica, têm, no altar ou santuário da gruta do Correio-Mor, um dos seus exemplos mais interessantes.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO, M. & ARRIBAS, A. (1963) – El poblado y la necropolis megalíticas de los Millares (Santa Fé de Modujar, Almería). *Biblioteca Praehistoria Hispanica*, 3, 263 p. Madrid.
- ARNETTE, S. (1963) – Un disque perforé néolithique. *Objects et Mondes*, t. III, fasc. 2. Paris.
- BELLO-DIÉGUEZ, J.M. (1991) – *Galicia no Tempo*. Ídolos de Dombate. Monasterio de San Martiño Pinario. Santiago de Compostela.
- BELLO-DIÉGUEZ, J.M. (1992/93) – El monumento de Dombate en el marco del megalitismo del Noroeste peninsular. *Portugalia*, Nova Série, 13/14, p. 139-145.
- BELLO-DIÉGUEZ, J.M. (1994) – Dombate, chef-d'oeuvre de l'art mégalithique ibérique. *Archéologia*, 304, p. 54-57.
- CARDOSO, J.L. (1994) – Leceia 1983-1993 – Escavações do povoado fortificado pré-histórico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, número especial, 164 p. Oeiras.
- CARDOSO, J.L.; GOMES, M. Varela & FERREIRA, O. da Veiga (em publicação) – O conjunto de ídolos falange de equídeo da Lapa da Bugalheira (Torres Novas).
- CASAL, A. Rodriguez (1988) – *La necropolis megalítica de Parxubeira (San Fins de Eirón, Galicia)*. *Campañas arqueológicas de 1977 e 1984*. Monografías Urxentes do Museu, 4, 102 p. A Coruña.
- CASTRO, L. Albuquerque & FERREIRA, O. da Veiga (1967) – Acerca das peças circulares de pedra encontradas no Eneolítico de Portugal. *Rev. Guimarães*, vol. 77, 1-2, p. 103-108. Guimarães.

- FERREIRA, O. da Veiga & LEITÃO M. (s/. data) – *Portugal pré-histórico – seu enquadramento no Mediterrâneo*. Publicações Europa-América. Mira Sintra.
- GONÇALVES, V.S. (1994) – Comentário às peças 141-181. In *Lisboa Subterrânea, catálogo da exposição organizada no Museu Nacional de Arqueologia*, p. 190-191. Lisboa.
- GONÇALVES, V.S. (1995) – *Sítios, “horizontes” e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Câmara Municipal de Cascais.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel*. Erster Teil der Süden. Römisch-Germanische Forschungen, Band 17, Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, V. ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du vase campaniforme*. Memória n.º 8 (n.s.), Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- LEISNER, V. ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Portugal, Memória n.º 16 (n.s.), Serviços Geológicos de Lisboa.
- MARTINS, J.V. (1981) – Pedras furadas do Nordeste de Angola. *Leba*, 4, p. 37-59. Lisboa.
- PAÇO, A. do, ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Resultado das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Vedras) *Comunic. Serviços Geológicos de Portugal*, 55, p. 23-47.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos. II monumentos megalíticos do arredor de Belas*, Memória apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa.
- SANTOS, M. Farinha dos (1970) – Ídolo eneolítico dos arredores de Lisboa *O Arqueólogo Português*, Série III, 4, p. 61-64.
- SANTOS, M. Farinha dos (1971) – Manifestações votivas da necrópole da gruta do Escoural. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra 1970), 1, p. 95-96. Coimbra.
- VALCARCE, R. Fábregas (1993) – Las representaciones de bulto redondo en el megalitismo del Noroeste. *Trabajos de Prehistoria*, 50, p. 87-101.
- ZBYSZEWSKI, G. (1964) – *Notícia explicativa da folha 2 (Loures)*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.